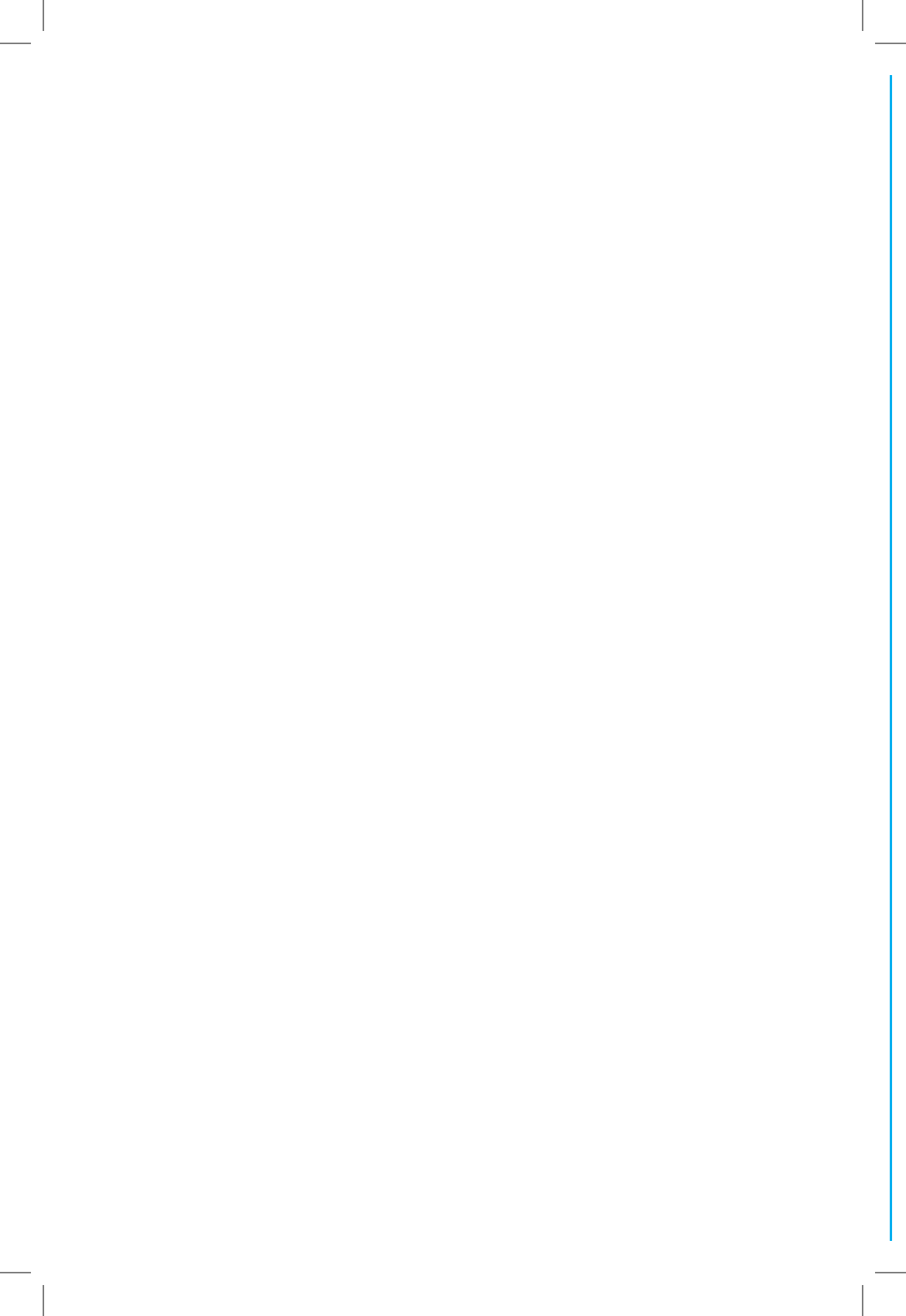


VALEI-ME
SANTA
MARIA



WILSON MAUDONADO

**VALEI-ME
SANTA
MARIA**

área DE CRIAÇÃO

Todos os direitos reservados. De acordo com a lei n.º 9.610, de 19/02/01998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informação ou transmitida sob qualquer forma ou por meio eletrônico ou mecânico sem o prévio consentimento do autor e do editor.

Fevereiro de 2021 - Teresina, Piauí

Projeto gráfico: Área de Criação
Imagem de capa: Shutterstock
Revisão: Fernanda Carvalho
Foto do autor: Thiago Freitas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maudonado, Wilson

Valei-me Santa Maria [livro eletrônico] / Wilson Maudonado. -- 1. ed.
-- Teresina, PI : Área de Criação, 2021.
PDF

Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-991792-7-3

1. Experiência de vida 2. Fé 3. Maudonado, Wilson 4. Relatos pessoais
- Aspectos da saúde 5. Reflexão 6. Superação - Histórias de vida I. Título.

21-57310

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Histórias de vida : Literatura brasileira B869.3

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Dedico este lindo poema, a todos que tiveram uma nova oportunidade de renascer, de poder recontar a sua história. Em um ano de dor, tristeza e perdas, continuamos caminhando sedentos de esperança e amor ao próximo. É, definitivamente, um momento de recomeçar.

RECOMECE

Quando a vida bater forte e a sua alma sangrar.
Quando esse mundo pesado lhe ferir, lhe esmagar.
É hora do recomeço. Recomece a lutar.

Quando tudo for escuro e nada iluminar.
Quando tudo for incerto e você só duvidar.
É hora do recomeço. Recomece a acreditar.

Quando a estrada for longa e seu corpo fraquejar.
Quando não houver caminho nem um lugar pra chegar.
É hora do recomeço. Recomece a caminhar.

Quando o mal for evidente e o amor se ocultar.
Quando o peito for vazio e o abraço faltar.
É hora do recomeço. Recomece a amar.

Quando você cair e ninguém lhe amparar.
Quando a força do que é ruim conseguir lhe derrubar.
É hora do recomeço. Recomece a levantar.

E quando a falta de esperança decidir lhe açoitar.
Se tudo que for real for difícil suportar.
É hora do recomeço. Recomece a sonhar.

É preciso de um final pra poder recomeçar.
Como é preciso cair pra poder se levantar.
Nem sempre engatar a ré significa voltar.

Remarque aquele encontro. Reconquiste um amor.
Reúna quem lhe quer bem. Reconforte um sofredor.
Reanime quem tá triste e reaprenda na dor.

Recomece! Se refaça! Relembre o que foi bom.
Reconstrua cada sonho. Redescubra algum dom.
Reaprenda quando errar. Rebole quando dançar.

E se um dia lá na frente, a vida der uma ré,
Recupere a sua fé, e recomece novamente.

Bráulio Bessa

APRESENTAÇÃO

Queridos leitores!

Sempre tive como missão literária levar o melhor de mim, seja na poesia ou qualquer outro gênero literário que eu venho a escrever, sobretudo, nesta obra quero falar de algo que até dias atrás, eu achava impossível, falar de mim. Em meio a tantas histórias contadas durante esse meu percurso literário, obtive grandes criações que foram capazes de despertar em meu leitor, um encantamento que só as melhores histórias podem proporcionar. Contudo, hoje, trago-lhes um dos fatos mais marcantes em minha vida, um momento de dor e sofrimento, mas também um momento em que me reencontrei com minha família e grandes amigos, na verdade, comigo mesmo. E, saber que posso compartilhar esse momento com vocês que me deixa mais feliz e ao mesmo tempo, mais ousado.

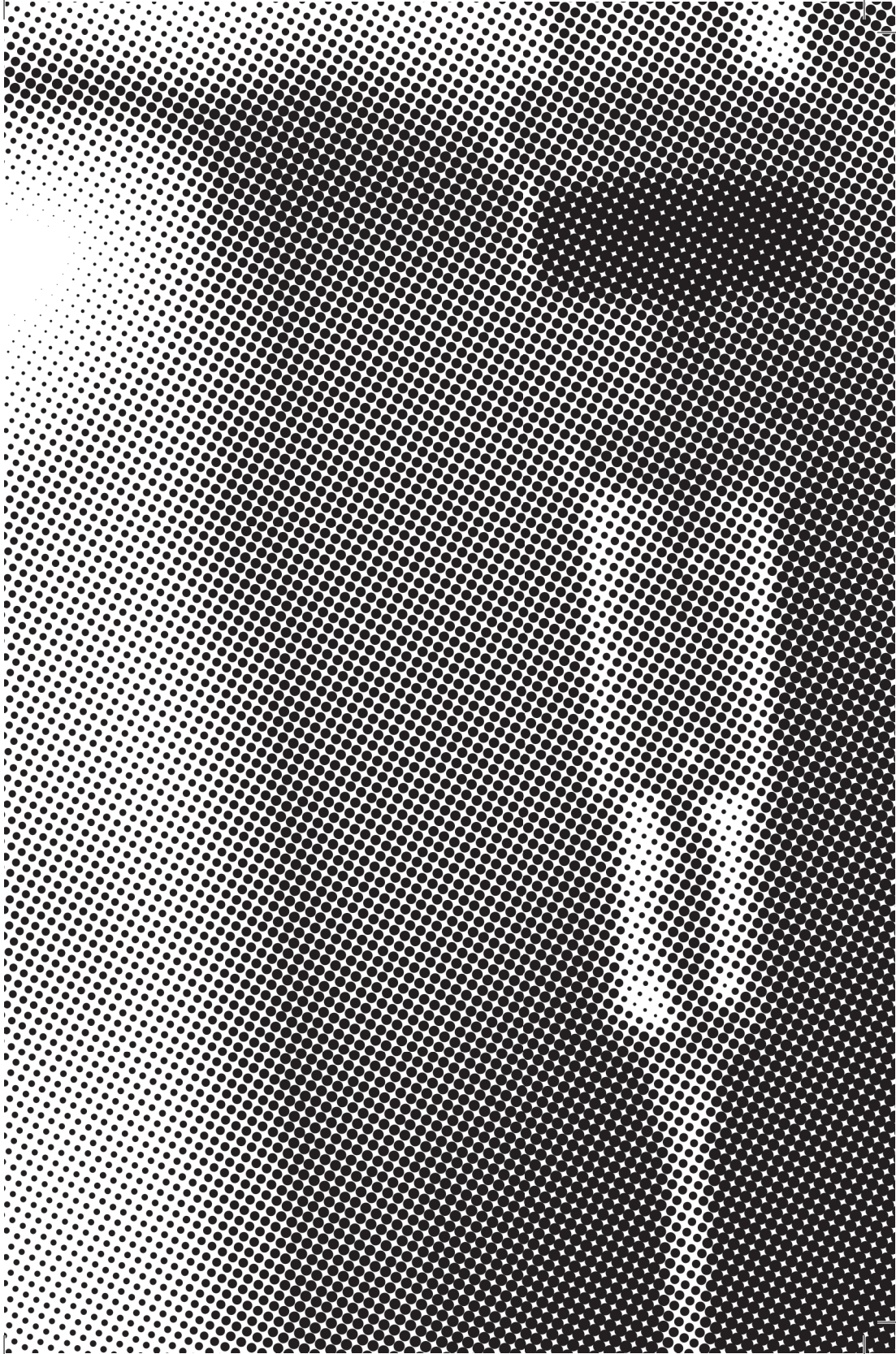
Por quantas vezes, eu puder vir aqui para mostrar o melhor de mim, eu virei e farei sempre por vocês. Eu já criei muitas poesias e histórias nesta vida, mas chegou o momento, em que tive a oportunidade de falar sobre mim, escrever cada linha desta obra, para falar de algo tão marcante em minha vida. Eu poderia escrever somente as coisas boas que acontecem,

mas talvez, estaria sendo egoísta e não seria eu, pois quero compartilhar todos os momentos com meus leitores: bons e ruins. É assim que se comporta um verdadeiro escritor. VALEI-ME SANTA MARIA- embora sendo digital, não é simplesmente uma obra que possa encantar com magias e fantasias, mas que seja capaz de levar o ser humano a refletir sobre a vida, para mostra-lhes o quanto a vida guarda tantas surpresas, pois ela é uma caixa aleatória de infinitas surpresas, por isso viva cada momento intensamente, sem a preocupação de julgamentos alheios, sem olhar pra trás. Hoje, você tem a oportunidade de fazer tudo que tem vontade, amanhã, tudo é incerto, inclusive a vida, só tem algo que é certo, a morte.

Eu continuarem usando este espaço e garantindo aos meus leitores, que é para vocês, que eu me dedico a escrever.

Uma excelente leitura!

Wilson Maudonado



DE REPENTE, PARECIA SER aquela corrida de Fórmula 1, a maca percorria os corredores a uma velocidade de desespero, seguia naquele enorme hospital, que parecia mais com um labirinto, cheio de curvas e ciladas, pois se tratava de um caso delicado de um paciente, que precisava de socorro e ser atendido às pressas, ou seja, o mais breve possível e, por incrível que pareça, eu era o paciente em questão que, naquele momento, agonizava na dor e no desespero, pois eu precisava de todos os cuidados, era uma questão de sobrevivência: vida ou morte. Fui jogado naquela cama cirúrgica, parecia que meus miolos estavam prestes a explodir. Afinal, são oito dias com fortes dores de cabeça, já tinha recorrido a vários médicos, a suspeita inicial era enxaqueca, tomava de tudo e não passava, minutos antes, fui diagnosticado com AVC (Acidente Vascular Cerebral) no que resultou em um aneurisma, um sangramento no cérebro devido às fortes dores, como se não bastasse o AVC, ainda tive que me conter com outro diagnóstico,

o desenvolvimento de uma Trombose Venosa Cerebral. Meu dia não poderia ter sido pior, pois este diagnóstico veio como uma bomba para mim e, acredite, para minha família também, que em meio a todo aquele sufoco, não arredou o pé dali. Eu percebi no rosto de cada um, o desespero, junto às lágrimas, que caíam de seus olhinhos entristecidos, pareciam que de fato, o ano de 2020, não tinha sido ruim só para o João, Pedro, Maria ou a Glória, estava sendo para mim também, que tive aquela enorme experiência de vida, que nem tudo que acontece na casa do vizinho, também acontece na sua, mas eu estava totalmente enganado, porque, na verdade, estava acontecendo, exatamente, como acontece na casa de milhares de brasileiros, isso mostrou que sou, de fato, igual aos outros, apenas com manias diferentes.

Naquele momento angustiante, ainda pude ouvir o ruído de uma voz grossa dizendo, que era pra me levar ao centro cirúrgico, pois, ele tinha que fazer um procedimento delicado, de repente, eu estava recendo ordens para agir de tal forma, pouco entendia o que o médico falava, enquanto aquela luz forte batia em meus olhos adormecidos, não porque estava com sono, mas porque a dor já estava me vencendo. Ouvi alguém pedir licença para me despir completamente, enquanto um terceiro aplicava uma injeção sobre minha virilha, dali pra frente, eu já não sentia mais nada, não sabia se ao certo, se foi efeito da anestesia ou a dor que me consumia por inteiro, o medo de fechar os olhos era grande, mas minha vontade de viver era maior, não queria deixar de fazer as coisas que gosto, de ver as pessoas que amo e sem contar, em meus

projetos que eu precisava continuar, não, eu não poderia me dar ao luxo de partir naquele momento, deixando tudo isto pra trás, era tudo muito injusto. Em segundos, ouvi o médico dizer que eu iria sentir algo em minha cabeça, e de fato senti umas pontadas fortes, um choque que posteriormente, fez-me passar quatro dias vendo minha visão multiplicar as coisas, contudo, naquele momento, um cateter que entrava em minha virilha e percorria a minha veia até chegar à minha cabeça, senti uma sensação de calor, foi, exatamente, a reação que o médico falou momentos antes. Creio que foi uns quarentas minutos aquele martírio, senti um alívio quando o médico falou que o procedimento havia sido um sucesso, confesso que deu uma sensação de conforto, mas agora, eu precisava ser encaminhado a UTI (Unidade de Terapia Intensiva) logo me veio um desespero, meu coração apertou e o nervosismo tomava de conta, pois até então, a noção de que se tem de UTI é que você está muito mal ou um local em que se perdem todas as esperanças e eu não pensava outra coisa. E mais uma vez, coloquei-me em um questionamento bizarro. Perguntei-me: como ficam todas as pessoas que amo? Os meus planos? Eram tantas perguntas que nem tinha tempo, pra pensar quais seriam as respostas. Entrei naquele local silencioso, muito organizado, ao meio, um balcão enorme, com muitos materiais e rodeado de enfermeiros, estes estavam por toda parte, até tive um pequeno surto em ver tantas pessoas de branco, até pareceu uma história que li em um livro espírita, encontrava-me confuso, minha cabeça já perdia a noção das coisas, ainda estava adormecida. Puder perceber também, alguns

leitos e a condição de outros pacientes que ali se encontravam. Em seguida, os maqueiros me colocaram numa cama, em princípio era confortável, falei com a enfermeira e pedi para chamar minha mãe, mas a moça muito educada me disse que, eu não poderia ser acompanhado por familiares, mas que eu não me preocupasse, pois ela iria cuidar bem de mim, não contive as lágrimas e me pus a chorar, pensei em nunca mais vê-la, não seria justo morrer daquela forma, sem ter o abraço da minha mãe, o aperto de todos que estavam lá fora, todos aflitos.

Naquele momento, eu já havia perdido totalmente a noção do tempo e hora. De repente, passou uma enfermeira e eu a chamei, mas ela não ouviu e passou direto, foi ai que entrei ainda mais em desespero, começava a me apalpar, pra saber se eu estava vivo, fiquei por hora intrigado, eu já estava começando a desenvolver uma crise psicológica, até que entrou uma enfermeira, dizendo que precisava recolher meu sangue, naquele instante, eu concluí que ainda estava vivo e perguntei as horas, tratava-se de 1 hora da madrugada, aquele horário seria na verdade, a constante prática que se repetiria por dias, um momento cruel, doloroso e massacrador, infelizmente, não era culpa de ninguém, apenas um procedimento necessário, coletar sangue da artéria era algo, que nunca precisei fazer, até aquele momento, doía tanto que era inevitável segurar o choro, pois aquele momento serviu pra eu tirar uma conclusão que, de fato, o que matava as pessoas em um tratamento de enfermidade, não era propriamente a doença, mas sim, o tratamento que as pessoas eram submetidas. Na

verdade, eu nem imaginava que o pior ainda estava por vir, às 03 horas e 40 minutos da madrugada, uma equipe de médicos foi ao meu leito, precisavam me fazer algumas perguntas, sem contar que meus braços e todo meu corpo já mostravam as marcas cruéis daquelas agulhas, que perfuravam meu corpo, entravam em minhas veias sem ao menos pedirem licença, era tudo tão doloroso, que já não mencionava mais uma palavras, a resposta de todo meu sofrimento, estava em meus olhos, se é que aquele ditado popular pudesse dizer alguma coisa: o silêncio é a melhor resposta para dar ao tolo. Naquele instante, o médico dizia que meu sangue estava coagulado e devido a isso, eu havia desenvolvido uma trombose venosa cerebral, não entendi nada do que ele estava falando, ele já tinha dito isto antes, somente depois, eu havia entendido pelo Thiago a gravidade do problema, na verdade, eu já tinha até intimidade com aquilo tudo, que poderia até dizer, que aquela era a minha doença. Entretanto, mais uma vez, eu sentia que o ano de 2020 estava acabando e tinha a certeza, que eu iria com ele, pois eram tantas notícias ruins, que me restava aceitar a sina perversa, ficava remoendo em pensar, de como pode uma pessoa com apenas 36 anos de idade ser diagnosticado com uma doença dessas? Embora o médico houvesse dito que isso é raro pra minha idade, que dificilmente acontece, mas por incrível que pareça, aconteceu, e como ironia do destino ou o acaso, aconteceu justamente comigo, não sei se meu sentimento na hora era de revolta ou injustiça. Mas era um sentimento que machucava muito meu peito e um entalo na goela, uma revolta tão grande, que dava vontade de arrancar

aquelas agulhas do meu corpo e sair correndo daquele lugar, mas eu pouco sentia as pernas, estava debilitado, parecia que a sina que eu carregava sobre as costas era de ficar, exatamente, naquele lugar. Os dias se passavam lentamente, eu já havia perdido totalmente a noção do que era dia ou noite, o pior, qual era a hora? Estava tudo fugindo do meu controle, o sono pesava nos olhos miúdos, que muitas vezes me vencia e eu tinha a falsa sensação, que eu havia dormido por décadas, mas sempre estava sendo interrompido por alguém, fosse pra ser tomar medicamento, ou fosse para avisar, que o alimento havia chegado, confesso que a última era a que mais me deixava feliz. O fato é que, eu já me considerava um prisioneiro daquele lugar, embora o meu quadro clínico não tivesse mais tão grave, bom, isto é o que todos pensavam, contudo, ao passar dos dias, que se pareciam mais uma eternidade, fui agraciado com a famosa alta, era perceptível um sorriso no rosto, uma imensa alegria, pois, eu iria ver minha mãe, comer algo feito com amor, não que a comida daquele hospital fosse ruim, era boa sim, só faltava uma pitada de sal, embora eu não suportasse sopa, estava familiarizado com aquela caldo que me dava náuseas só de olhar, mas eu estava com fome, na verdade, muito faminto, precisava me alimentar e como diz minha mãe: a fome é o tempero de qualquer comida, então, eu a descia goela abaixo. Enfim, eu certo que estava indo pra casa, mas foi uma simples ilusão da minha cabeça, ouvi o médico dizer, que eu estava levado para o apartamento e que lá, eu poderia ficar por mais dois dias, tudo iria depender do meu estado clínico. Também não fiquei tão desanimado, pois

na minha imaturidade, qualquer lugar era melhor que a UTI, até eu achar que estava pensando alto, mas na verdade, a palavra saiu e, foi quando a médica de plantão afirmou que: aquele lugar era a mesma coisa que um abraço de mãe, pois ali eu estava mais protegido que em qualquer outro lugar, bom, ainda não entendia muita coisa e meu desejo ainda era sair dali e, de fato, saí, nem mesmo olhei pra trás e, ao chegar ao apartamento, já comecei a ver os rostinhos das pessoas que eu amava, não sabia se as lágrimas eram de alegria ou outro sentimento, mas eu estava feliz por ver minha família, o sentimento era de liberdade, embora a UTI ficasse a poucos metros dali. Ouvi bater na porta, era uma moça toda de branco com uma bandeja nas mãos, não era comida, era a devoradora de veias, aquilo já me dava uma angústia e um aperto no peito, em instantes a severa Fenitoína me fazia chorar feita criança, sabia que aquela substância estava salvando minha vida, mas nossos santos nunca haviam se cruzados, era muita dor que por momentos, eram compartilhada com a enfermeira, ela parecia sentir a minha dor, só me pedia calma que tudo iria passar, mesmo diante de palavras tão doces que de fato poderia me acalmar, mas só eu sabia o tamanho da minha dor, por mais que alguém quisesse entender ou se colocar no lugar, não tinha como, era tudo muito doloroso tudo aquilo que eu estava vivendo, pois ,eu sabia que duas horas depois viria outra injeção a ser aplicada em alguma parte do meu corpo, propriamente em minha barriga, uma anticoagulante, o intuito era evitar uma possível convulsão, esse ato se repetia pelo menos umas

cinco vezes por dia, sem contar na massacradora coleta de sangue da artéria.

Dois dias se passaram até o médico dizer que eu estava, totalmente, livre do hospital, minha vontade era de sair correndo, mas as pernas ainda estavam bambas e precisava ainda de paciência, embora eu já estivesse firme mentalmente, mas resolvi arriscar em ir com a ajuda de uma cadeira de roda, contudo, recebi algumas recomendações, pois o risco de vida ainda era consideravelmente, grande, qualquer tentativa de esforço poderia me levar a um estado de coma, isso não estava em meus planos, a medicação, agora, seria via oral e eu tinha só que cumprir às recomendações, apesar de todas aquelas normas que eu tinha que cumprir à risca, estava muito contente por passar o ano novo em casa, ao lado daqueles que amo, embora a programação planejada fosse Rio de Janeiro, mas aprendi que nossos planos, são tão pequenos e insignificantes, era 30 de dezembro e não vi ninguém falando em comemoração, na verdade, o ano de 2020 não dava pra ser comemorado, nada tinha acrescentado na vida das pessoas, embora todos tivessem vivos. Fiquei pelos cantos da casa, repousando como havia recomendado o médico, senti o sabor inconfundível da comida de minha mãe, eu estava vendo as inúmeras mensagens e correntes de orações em prol da minha saúde debilitada, só restava em agradecer cada um, vi a alegria quando falei sobre minha alta. Uma das recomendações era evitar visitas, mas a tecnologia era tão perfeita, que em nenhum momento me senti sozinho, vi quem, de fato, se preocupou comigo, não que aquilo influenciasse em minha vida,

mas eu queria sentir-me abraçado por alguns amigos queridos, tinha vivido muito tempo isolado e pensava em todos, senti saudade de uns que não ligaram e nem mandaram mensagem, mas este foi outro aprendizado que tive que encarar com serenidade, pois muitos também não estavam sabendo da minha condição médica, no entanto, seria melhor aceitar desta forma, eu não tinha que sentir rancor de ninguém, porque, na verdade, as pessoas que eu mais amava estavam ali, do meu lado e isso era o que mais importava, por mais desavença que você tem com seus familiares, eles nunca vão te abandonar, pelo menos penso assim, final do ano a gente esquece as acusações e sentimentos ruins pra trás, porque ano novo significa recomeçar e era isso que eu pretendia, deixar todo e qualquer ressentimento para o ano que se findava, queria levar apenas as coisas boas para o ano que a dois dias nascia. Lembrando de uma das recomendações do médico, que dizia pra eu não ter preocupação, então me restava apenas aproveitar o momento rodeado de alegrias, gargalhadas e conversas jogadas fora. No dia 31, pensei em visitar minha casa, pra saber como as coisas estavam por lá, Thiago com todo o cuidado me levou e olhando nas ruas movimentadas, admirava a paisagem, percebi o quanto as pessoas estavam eufóricas para a passagem de ano, estava se formando um temporal, embora na TV tivesse avisado que cairia, de fato, um temporal, talvez toda aquela chuva pudesse lavar as tristezas e mágoas daquele ano triste e marcado com grandes tragédias, perdas, pois sabemos que não foi fácil pra ninguém, nem pra mim que tinha publicado dois livros, contemplado

no concurso nacional de poesia e tantas coisas boas, embora o ano fosse marcado por nuvens negras. De repente, algo esquisito estava acontecendo em meu corpo, uma tremedeira, sei lá, dormência, de fato, estava perdendo o movimento do braço esquerdo, pensei mais uma vez, que fosse algo da minha cabeça, os movimentos oscilavam, um minuto sentia e em outro, nada, aquela situação era desesperadora, dava pra ver a agonia e o desespero do Thiago que já se encontrava aflito. Imediatamente, fomos ao hospital Santa Maria, aquele lugar de alguma forma me pertencia, parecíamos não querermos nos desprender. Prontamente, fui atendimento por um excelente médico, que não deu nenhum diagnóstico, pelos sintomas, tinha quase certeza, que era enxaqueca e somente passou uma medicação e o famoso repouso absoluto, pois aqueles sinais apresentados eram reações do meu organismo as medicações, fui embora com uma sensação estranha, passei em minha casa, vi que tudo estava tranquilo, falei com a vizinha que estava cuidando da casa, conversei um pouco sobre minha situação e fui embora, chegando a casa de mãe, debaixo daquela tempestade, não tinha muita coisa pra se fazer, a não ser o repouso absoluto que tinha sido recomendado pelo médico. Às 21h, pedimos um comida no Ifood (App utilizado para pedir comida) que demorou até as 23h para chegar e logo depois de saborearmos aquele banquete, fomos dormir, pela primeira vez na vida, não vi uma passagem de ano, apenas recorro vagamente dos fogos estourando aos redores da vizinhança, mas nada que tivesse me chamado atenção ou despertado meu sono.

No dia seguinte, as pessoas estavam, aparentemente, felizes, eu estava deitado ainda só observando as falas, o barulho do que restava do dia anterior, músicas ecoavam pra todos os lados. Resolvi me levantar, algo estranho estava acontecendo novamente com meu corpo, senti que minha mão não estava com muito apoio, achei que tivesse dormido sobre ela, fui tentar me levantar, quando firmei os pés no chão, percebi que eu estava com ausência de movimento nos pés também, aquilo me preocupou de imediato, fiquei desesperado, tentei me equilibrar e percebi que não estava bem, esperei um pouco mais pra ver a reação, fui ao banheiro com certa dificuldade, na verdade, fui levado, eu não queria mais me desesperar, temia que alguma reação pudesse me afetar, achei que seria mais uma reação da medicação, eu sabia que ainda tinha que seguir arisca as recomendações do médico, imediatamente, eu chamei por minha mãe que logo veio atender ao meu chamado, Thiago se encontrava ali do lado, estava esperto pensando o que seria feito, decidimos aguardar mais um pouco, na verdade, eu insisti para que pudesses esperar pra ver no que iria dar.

O dia passou e aquela sensação de dormência no lado esquerdo persistia, no dia seguinte, não dava mais pra ignorar que, de fato, eu estava perdendo os movimentos, ao acordar, encontrei-me deficiente, não movia a mão e nem nada do lado esquerdo, o meu braço totalmente paralisado, parecia aquela bonecas de circo, mole feito uma geleia, não tinha como esconder o desespero, tantas coisas se passaram, como era justo, eu naquela idade ficar naquela situação, dependendo

dos outros para caminhar, alimentar-me e tantas outras coisas? Eu estava aleijado. De fato, não dava pra imaginar como seria minha vida daquela forma. Imediatamente, fui socorrido ao hospital Santa Maria, já não entrava mais com minhas pernas, agora, estava sentado em uma cadeira de roda, o braço solto e totalmente esquecido, sem nenhum tipo de movimento, ironicamente, solto e brincando em um movimento de idas e vindas. Estava completamente desolado, triste e desesperado, dava para ver no olhar daquelas pessoas estranhas o sentimento de pena, aquilo me deixava muito mal. O médico me consultou por completo, encaminhou-me a semi-intensiva, enquanto ele preparava a internação, eu ficava agonizando naquela cama, compartilhava cada dor e sofrimento com outros ao meu redor, não dava pra sentir a angustia deles, assim, como eles não davam pra sentir a minha, ninguém se quer poderia imaginar o que estava circulando naquele ambiente. De repente, um enfermeiro inquieto abre um sorriso dizendo que a minha internação na UTI havia dado certo, era um encontro que eu não queria mais, essa relação que eu tinha com a UTI não dava certo, mas era uma combinação perfeita, considero até que uma relação de amor, não de qualquer amor, mas pela vida, parecia que eu já estava prevendo viver aquele pesadelo novamente, à medida que eu era levado pelos maqueiros, eu me distanciava dos meus sonhos, objetivos, imaginava como ficariam os meus livros já concluídos? Caso o pior acontecesse comigo, não que minha fé teria se esgotada, mas por estar psicologicamente abalado, Como estavam as pessoas que eu tanto amava? Dava pra ver no rosto do Thiago

todo o seu sofrimento ao me vê daquela forma, eu o via engolindo o choro seco, tudo pra não me deixar sofrer mais ainda, naquele instante, eu tinha certeza que não voltaria mais com vida, aparentemente, pode até ser um exagero de minha parte, mas é só para expressar o tamanho da minha dor que não é aquela que você sente entre um mal-estar e um comprimido que em 15 minutos fará o efeito e pronto, problema resolvido até que venha a próxima e você fará o mesmo procedimento, mas no meu caso não se resolvia assim. Particularmente, eu nunca tinha sentido aquela sensação, mas ela fazia todo sentido, aos poucos eu entrava em uma sala, não era a mesma UTI de antes, a qual eu já tinha intimidade, era um espaço mais equipado, luxuoso que parecia que fora feita para gente de boa condição, não que eu estivesse incluso nesta quota, mas depois eu vim entender o porquê, simplesmente, o meu caso tinha se agravado mais, para ser franco, gravíssimo, os médicos tinham que evitar uma convulsão, todo cuidado era pouco naquele momento, o medo já me deixava confuso e, ao chegar ao leito, de cara, percebi que eu tinha um companheiro fiel, pelo menos até as pilhas concluírem sua vida útil, um relógio fixado no alto da parede, certamente, daria pra eu controlar o tempo, pensando bem, o tempo não espera, é implacável, seria ele a me controlar naquele momento, pelo menos eu saberia as horas. Imediatamente, alguém subtraía minhas peças de roupas, até me encontrar totalmente despido, enrolado em um lençol. Eu não fiquei muito espantado, já era familiarizado daquela situação deplorável e constrangedora, embora eu achasse que, eu teria, apenas, o relógio

como companheiro, vi o quanto enganado eu estava, contudo velhos parceiros também estavam ali, eu me imaginava como se fosse a presa e aquele meio mundo de medicamentos fosse o caçador, por sinal, muito faminto. Vi o brilho da seringa, nela continha o meu maior pesadelo, pelo menos ainda não tinha encarado a ideia que aquela substância pastosa e oleosa era a protagonista para a minha cura. Estou falando da severa Fenitoína que estava ali, rolando na bandeja que brilhava feito cristal, claro que não mais que meus olhos miúdos, as lágrimas começam a descer e certamente, aquele liquido já percorria em todo o corpo. A cada lágrima que caía em meu rosto, levava-me a uma reflexão: como era possível está novamente naquela situação? Aquilo sempre me adormecia e, eu ficava quietinho em minha cama, era como se estivessem amassando uma fera. Em seguida, o médico veio falar comigo, contou-me toda a situação e disse que a mesma era, antes era grave, passou para o status de gravíssima, desde então, a rotina de medicações e coletas de sangue, as quais eu achava que tinha me livrado, só estava começando, na verdade, era mais uma etapa árdua. Eu calculava na mente o horário exato de cada refeição e medicação, olhava para o relógio e já tinha a noção de cada evento, que de todos eles, nenhum era mais doloroso que a aplicação da Fenitoína e a coleta de sangue na artéria, sem contar nas inúmeras tentativas para se fazer o acesso, a complicação se dava porque o meu sangue estava coagulado, ou seja, muito grosso que não era capaz de entrar pela ponta de uma agulha, era tudo muito doloroso, a minha barriga se encontrava toda perfurada, os braços e as

mãos já não tinham mais um lugar para uma nova tentativa, nem meu pescoço se livrou das perfurações e essa rotina foi cumprida fielmente por vários dias. Depois de uma noite tensa por conta de uma coleta de sangue na artéria, cedo, por volta das 9h, recebi uma boa notícia: o banho tão esperado, aquela notícia me encheu de alegria, embora o corpo estivesse totalmente perfurado, melhor, todo massacrado. No entanto, fui comunicado que o banho não seria em um banheiro. Putz! Até isso me foi tirado: o meu direito de ir e vir, pois tudo teria que ser feito ali mesmo e ficaria em uma situação constrangedora, raramente, eu conseguia abrir os olhos, não tinha como abri-los e ficar olhando para o rosto daquelas enfermeiras me ensaboando, jogando água no meu corpo totalmente despido, ligeiramente, quando eu abria os olhos, ficava olhando para os olhos delas e seguia a direção de seus olhares, tinha a plena convicção que tudo ali era extremamente profissional, mas não adiantava, pois nada entrava em minha cabeça sobre tudo isso, então era manter os olhos fechados e sentir aquela água morna sendo jogada em mim, naquela cama encharcada e pra finalizar aquela boa ação, vestiam-me uma fralda e me penteavam e como cortesia da casa, um perfume leve, certamente, não me pertencia, pois eu saberia caso fosse meu, pois eu tenho gosto por fragrâncias adocicadas. Toda aquela situação me fazia refletir, encontrava-me esgotado fisicamente e psicologicamente, restava-me apenas fechar os olhos e deixar o choro entristecido me dominar, por inúmeras vezes, eu ficava olhando para os lados e quando chegava alguém, baixava minha cabeça,

não tinha coragem de encarar ninguém, elas tinham entrado no meu íntimo, em locais que eram apenas conhecidos por mim. Eu sabia que tudo que estava acontecendo era pra eu ficar bem, na verdade, melhor de quando eu entrei, mas a minha intimidade havia sido invadida, mesmo sabendo que tudo ali ocorria de maneira profissional, seguindo a ética de cada um, mas me sentia desconfortável intimidado ou até mesmo invadido.

Como tudo na vida tem o seu tempo, eu tinha o meu pra desabafar comigo mesmo, fazia isso através do choro, passava praticamente à noite inteira neste dilema, tudo que eu guardava durante o dia, despejava à noite, enquanto todos repousavam, eu, em silêncio, chorava remoendo na angústia e na dor até momento em eu era interrompido por uma enfermeira que estava seja pra aplicar uma medicação, seja uma coleta de sangue, geralmente era para invadir minhas artérias, mais uma vez o meu corpo era explorado, eu me sentia violentado, mesmo sabendo que toda aquela prática era a correta, e eles estavam ali para buscar minha cura, só eu não entendia ou não queria entender. Achava que estavam sempre invadindo meu corpo sem permissão, como um estupro, era uma violação aos direitos humanos, mas eu tinha que aguentar caladinho, fazia parte do protocolo e eu ainda tinha que acreditar que primeiro vem a dor, por seguinte, a bonança. O fato é que não havia um dia que eu não chorasse naquele hospital, fora os pesadelos esquisitos que me atormentavam. Lembro-me que certa noite, eu sonhei tomando água e a mesma vazava por todo corpo perfurado. As noites

seguintes serviram simplesmente para eu pedir pela minha morte, pois eu já não aguentava mais, pedi clemência aos céus para que me tirasse daquele sofrimento, já não me importava mais as pessoas que estavam lá fora e que tanto amava, pelos meus planos e objetivos, nada mais tinha sentido, embora tivesse muito valor, mas eu queria mesmo era sair daquele cruel sofrimento, não tinha mais forças e nem de onde tirá-la. Sempre às 3 horas da madrugada vinha a Fenitoína devastar minhas veias, era o momento em que eu tinha mais certeza que eu não queria mais viver. Pedi perdão a todas as pessoas que machuquei, se fiz algum mal? Que me perdoassem, pois nunca fui perfeito e nem tinha a pretensão em ser, só queria que aquele sofrimento passasse logo, sabia que todos ficariam bem.

Anestesiado pelo sono, ouvi alguém me chamar, a voz estava distante, quase não dava para ouvir, uma voz doce, mais uma vez eu estava sonhando, não, eu não estava sonhando, de repente, abrir os olhos e percebi o movimento em minha volta, olhei para o relógio marcava 6 horas, olhei para o lado, uma enfermeira me chamava, em sua mão um copo com água e no outro um comprimido, nunca havia tomado aquilo antes, ela disse que se tratava de um pantoprazol, era reforçar meu estômago contra uma eventual gastrite, todos tinham consciência que as medicações que eu estava tomando eram severamente fortes, tinha que ser adicionado algum complemento, eu tomei, para ser franco comigo mesmo, o que era uma gastrite em relação à Fenitoína? Nada mesmo, qualquer coisa que me dessem era mais um dia a menos, assim eu pensava.

Contudo, horas depois chegava à fisioterapeuta que fez algumas perguntas e, eu respondia tudo de forma tranquila, muitas vezes, agia de forma fria, o fato de está prostrado em cima daquela cama, não me alegrava em nada, embora o meu maior desejo fosse voltar a andar, poder abraçar minha família, mas a mão estava totalmente limitada. Eu vi nas perguntas da fisioterapeuta, certa preocupação, eu a vi estranha, mas ainda faltava uma pergunta chave: se eu ainda voltaria a andar? Ela começou a me analisar e comecei a enxergar um sorriso estampando em seu rosto. Foi o momento em que ela respirou fundo, senti uma sensação de alívio nela, quando eu disse que sentia a minha perna e o meu braço, apenas não tinha o movimento, foi então que ela disse que tudo iria depender de mim, bastava eu fazer alguns exercícios para recuperar os movimentos e, pra falar a verdade, nunca mais parei de fazê-los, até eu ter a certeza que estava ficando bom, aos poucos estava recuperando os movimentos, estava fazendo tudo certinho, embora, eu não via futuro à frente, estava ali pra cumprir a sina, as visitas que antes gerava em mim uma grande emoção, agora, já não me despertava tanto, já não agia mais com aquela animação ou o frio na barriga, tudo estava perdendo o sentido, não tinha mais vontade de viver, talvez, eu tivesse chegado ao limite final, sem fé e sem vontade de continuar vivendo, cada agulhada recebida é como se levasse um pedaço de mim. Contudo, o pior era a sensação que eu estava morrendo, na verdade, eu percebi que não estava mais vivendo, mas sim, sobrevivendo. Os dias se passavam lentamente, mas o bom de tudo que estava acontecendo

são as vínculos criados, fiz amizades com todos, pelo menos, quase todos. Eram pessoas maravilhosas, alegres e humanas. Estavam ali pra cuidar de mim e faziam isso muito bem. Compartilhei com algumas enfermeiras sobre minhas obras publicadas, já não era mais conhecido como o rapaz, jovem, do AVC ou da Trombose Venosa Cerebral, mas por poeta do leite IO, talvez naquele momento, eu havia me tornado, de fato, alguém conhecido pelo que eu fazia, por aquilo que eu mais amava fazer, escrever. Outra coisa boa que tinha acontecidos nos últimos dias, foram os banhos no banheiro, sem que ninguém estivesse invadindo a minha privacidade, pois os movimentos da perna e braço estavam dando resultados, por mais que meu pensamento fosse negativo, as coisas estavam acontecendo de forma contrária, positivas, no fundo, só eu que não queria perceber isso, mas, de certa forma, aquilo me alegrava, embora os médicos não davam esperança de alta, era uma incerteza, pois o meu quadro clínico ainda era grave, pelo menos tinha saído do status gravíssimo. Eu estava naquela fase de viver apenas o presente, sem se preocupar com futuro, vivia cada dia sem esperar pelo dia seguinte, estava me tornando egoísta, sem muito papo e seco. Tinha a plena convicção que, estava cercado por pessoas humanas, boas e realizadas em seus trabalhos, mas eu estava me tornando frio e áspero comigo mesmo, havia me tornado um estranho.

Embora, meu ponto fraco ainda fosse a Fenitoína, também estava me acostumando com as furadas na barriga, as dilaceradas furadas nas artérias e até a sopa eu engolia sem

reclamar. Ouvia sempre as pessoas falarem que o meio modifica o homem, fato totalmente verdadeiro, tinha medo do que eu me tornaria depois de sair dali, estava muito abalado emocionalmente, meu psicológico havia chegado ao extremo, bastavam olhar em meus olhos, pra sentir que nada estava bem, sangue coagulado, trombose no cérebro, braço e perna respondendo de forma positiva aos estímulos da fisioterapia, os medicamentos precisavam fazer efeitos, qualquer falha poderia me levar ao coma, eu tentava nem pensar nesta possibilidade e ainda mais sabendo que eu sou o senhor das doenças raras, tudo que é raro de acontecer, acontece comigo, é como um cálculo matemático, não qualquer cálculo, mas aquele que se misturava estatística e probabilidade, junção perfeita, além do que, eu ainda apresentava um problema maior, que espantava qualquer médico ou enfermeiro, ou seja, eu era um paciente alérgico a praticamente todas as medicações que poderiam contribuir em minha recuperação, isto é pra garantir a teoria da raridade, seria ótimo se este cálculo matemático fosse revertido nos jogos de bilheteria, talvez, eu já tivesse ganhado umas dez vezes na mega sena, mas certamente, esta não foi à sina que eu deveria trilhar. Lembro-me que desde criança, eu já tinha uma afinidade com os leitos dos hospitais, aos sete anos, eu fui submetido a uma cirurgia para tirar um cálculo renal, porém, este dava para ser obstruído através de medicações, mas acharam melhor abrir meu corpo para tal procedimento, somente depois, eu vim saber que o procedimento realizado foi totalmente desnecessário, mas já era tarde, não se tem como voltar ao passado, o caminho

era seguir em frente, até porque o estrago já tinha sido feito, não dava para voltar atrás e, lá estava eu com aquela enorme cicatriz, que me marcou pra sempre, por seguinte, três anos depois, andando de bicicleta percebi um caroço em minha mão, o nome vulgar era estranho “panariz” e eu mais uma vez, corria para o leito de um hospital, à medida que eu ia crescendo, a intimidade era maior, em 2013 passei por uma depressão profunda, quase que me custou a vida e muito me parece que estou nesse jogo cruzado, um empurra-empurra entre a vida e a morte, pelo menos sei que viver é bem melhor que morrer, embora eu nunca tivesse morrido, a sensação é que vivo nesse dilema desde que fui concebido. Certamente, o ano é 2020 e sete anos depois me encontro nesta condição, preso a um leito e, intimamente, dentro de um hospital conceituado, pelo menos foi o que deu pra fazer neste ano, um bom plano de saúde que me proporcionou um excelente atendimento. No fundo do meu coração, queria que todos tivessem a mesma oportunidade, mas a realidade era totalmente diferente, enquanto uns lutavam pela vida com os poucos recursos, eu estava sobrevivendo em um leito de hospital todo aparelhado, estava ligado a tantos aparelhos, que eu procurava em meu subconsciente a função de cada um, mas não obtive quase nada de resposta, mas eu tinha uma certeza, estava ligado a eles e sabia que estavam me ajudando de alguma forma. Na verdade, eu estava perdendo o interesse, em entender certas coisas, achava que eu não precisava mais ocupar minha cabeça com coisas que não me davam respostas imediatas, não me interessava entender o prolongamento

de certas coisas, eu não tinha mais tanto tempo assim, pelo menos era o que eu tinha colocado na cabeça, embora eu tivesse que manter calma e ter paciência, afinal, eu tinha que manter minha saúde mental intacta, mesmo com todas as condições vivenciadas e meu psicológico abalado.

Os dias demoravam a passar e esta minha concepção, talvez fosse pelo fato de estar isolado, não sabia mais como era o brilho da luz do lado de fora, pra mim, tudo se resumia apenas em noite, era o que indicava as lâmpadas acesas o dia todo, não tinha uma fresta que eu pudesse ver a luz do dia, realmente, eu estava isolado, tornei-me um prisioneiro, encarcerado na solitária, que recebia apenas o necessário pra não padecer ali naquela cama, apenas um tédio tinha se instalado naquele ambiente, uma vez por outra, surgia uma vontade de realizar uma leitura, qualquer tema que fosse capaz de me teletransportar para outro mundo, onde eu pudesse ver o mundo sob outra sem preceptiva, dor e lamúrias, mas não tinha nada, foi aí, que comecei a criar mais uma história e pela primeira vez na vida, depois de criar inúmeras histórias com tantos personagens, ali estava eu fazendo o que eu nunca havia conseguido, ou pelo menos nunca tentei, falar de mim mesmo, criar minha própria história e, não era uma história fictícia, como Gabriel, Anjos da Noite ou Rei Destino, era a história da parte mais triste da minha vida, talvez não desse tempo publicá-la, mas sei lá, um dia, alguém iria ler, claro que, se desse tempo eu colocá-la em um papel, por enquanto, eu só tinha imaginado e guardada na mente todos os acontecimentos ocorridos, pelo menos sei que não havia lugar melhor,

pelo menos até quando tivesse respirando, do contrário, tudo se apagaria e ela ficaria no anonimato, porque se tinha uma privacidade que ninguém poderia invadir, era minha mente, nem mesmo o coágulo formado e a cínica trombose que havia se instalado, era algo íntimo demais pra alguém tentar ou ousar invadir. De um plantão a outro, os médicos sempre passavam em cada leito, o intuito era passar as informações de cada paciente, o meu eu já tinha decorado: o rapaz do leito 10 sofreu um AVC, no que gerou uma Trombose Venosa Cerebral, possui coágulo na cabeça e está tomando a medicação, também apresenta déficit no lado esquerdo, embora esteja evoluindo bem ao tratamento temos que mantê-lo aqui sem previsão de alta, pois o quadro clínico é considerado crítico. Era sempre isso que eu ouvia a cada manhã e início de noite, E para sacramentar aquele diálogo tosco, o outro sempre respondia a mesma coisa: nossa, um rapaz tão novo, com um quadro clínico tão pesado desse. Isto era porque ele não tinha observado a tabela que estava fixada ao meu leito que especificava nitidamente, nome completo, idade, data de entrada e a inacreditável alergia aos medicamentos essenciais, para uma dor de cabeça ou qualquer outro sintoma, porque quando isto acontecia, eu tinha apenas um refúgio, o ibuprofeno, este sim, eu sabia que poderia contar, pelo menos até aquele exato momento. Era todo dia esta rotina na troca do plantão, às vezes, eu fechava os olhos para tentar sondar as informações e, de fato, conseguia. Também tinha os médicos que eu considerava realistas, estes não mandavam recados, os davam ali, na lata, por mais que eles me deixassem triste, eram de fato, os que eu mais gostava, pela sinceridade

de narrar os fatos fielmente, aquilo era meu jeito de ser também, em ser real com as pessoas, por mais dolorido que fosse e as deixassem tristes, mas a verdade sendo dita é melhor que uma mentira bem contada. Por mais também, que eu tivesse todo dia vivendo a mesma rotina, não dava pra me acostumar, era tudo muito dolorido, estava praticamente vivendo os meus últimos dias e honestamente, não dava pra suportar mais, não aguentava mais sentir meu corpo sendo mutilado, não tinha mais força pra lutar contra aquele exército com armas ferrenhas e massacradoras, decididamente, eu não suportava mais, rogava aos céus e a quem quer que fosse para me tirar daquele sofrimento, não dava para suportar aquela aflição. Eu sei que as pessoas só queriam o meu bem, como sei também, que todos lá fora estavam sofrendo, mas eu tinha a certeza, que nenhum sofrimento era maior que o meu, de fato, não dava mais, honestamente, não dá.

Como estaria o coração da minha mãe, da minha Tia Chica, da minha irmã Cleide e de todos os amigos que choravam junto comigo? Era um batalhão de gente mandando vibrações positivas, pois eu havia perdido a fé, só depois que compreendi que essas vibrações alheias era o que me sustentava em pé, embora eu tivesse acamado naquela cama, que parecia ter mais espinhos que outra coisa, pelo menos era a sensação que eu tinha, pois tudo me incomodava, até a luz que clareava todo aquele ambiente, era a fotofobia dando as caras naquele momento. O que mais poderia acontecer comigo? Qualquer que fosse a notícia, eu já a aguardava com tranquilidade, mas minutos depois a ficha caía e eu me despencava

em prantos, difícil se acostumar com coisas ruins, ainda mais quando seu emocional está abalado, como eu não tinha mais nada pra fazer, aproveitava para aliviar o coração através do choro e, por incrível que pareça, amenizava a dor.

Outro dia nascera e ainda era cedo e pra abrir o meu apetite, uma dose de Fenitoína para curar a ressaca, à medida que os dias se passavam, aumentavam a dor e consequentemente, as dosagens, em relação aos movimentos do braço e da perna estavam evoluindo bem, graças ao trabalho magnífico da equipe de fisioterapeutas, era ruim viver naquela constante, ora alegre, ora triste, talvez fosse as características fieis de um geminiano nato, mas só o fato de saber que eu estava andando e movimentando o braço era motivo de alegria sim, não dá pra imaginar vivendo com uma situação em que você tem que depender dos outros, eu sempre fui livre e amava minha liberdade, mesmo em momentos solitários, eu amava aquele meu jeito, ninguém me entendia e, francamente, não tinha o porquê as pessoas me entender, na verdade, nem eu mesmo me entendia. Enfim, de repente, recebi o café da manhã, consideravelmente bom, depois veio o comunicado, que eu precisava fazer mais uma tomografia, era uma avaliação constante, que eu tinha que me submeter pelo menos aos exames, eu já estava acostumado, parece que eu já tinha aceitado aquela condição de vida, tinha que aprender a conviver com a dor. Vi-me pronto pra entrar naquela máquina, não era a primeira vez, talvez a quinta, mas a sensação era sempre como se fosse a primeira vez e, por mais que tivesse o aviso, que não era pra eu fixar o olhar para aquele ponto vermelho, não tinha jeito, eu

só olhava para ele, quando começava a girar, aí que eu olhava mesmo, passava uns trinta minutos com aquele foco vermelho em minha visão, não entendi o porquê eu olhava, talvez se não tivesse nenhum aviso, nem perceberia. O rapaz que conduzia aquela máquina se mostrava sempre educado, tinha muito cuidado comigo, ajudou-me a levantar até eu subir novamente a maca e, por seguinte, os maqueiros me conduziram novamente a cumprir minha sentença, no percurso de uma sala a UTI, passava por alguns corredores, observava as pessoas, até eu entrar naquele ambiente familiar, enfim, estava novamente enclausurado na mesmice de cada dia, eu sabia que era a realização de um simples exame, mas para mim, era um passeio e não via o momento, que eu poderia passear novamente. Nem precisava mencionar aqui como seria o restante do dia, era algo já escrito. No dia seguinte, depois de receber o resultado da Tomografia, os médicos encontraram evolução positiva, mas eu precisava ainda me submeter a uma Ressonância, para afirmar os resultados positivos, e daqui a três dias, eu faria este exame, sendo satisfatório? Dava pra eu ficar no apartamento, sem aquele monte de aparelho e tantos fios grudados em meu corpo. De repente, aquilo me deu um ânimo, algo de positivo estava tomando meu ser, sentia que ainda não era o meu dia, talvez durasse mais do que eu desejasse ou merecia, não quero entender muito dessas coisas, só estava aceitando meu destino, iria cumpri-lo da forma que viesse.

No entanto, como eu já havia mencionado antes, a cada plantão era a mesma rotina, o médico recebia os pacientes a cada leito e a história era a mesma, a minha parece que evoluiu

pra melhor, pelo menos agora, o discurso era outro, esperar a ressonância pra fazer uma avaliação mais detalhado do meu estado de saúde e se fosse, de fato, positivo, sairia dali, direto para o apartamento e lá, passaria uns três dias e quem sabe, iria trilhar o caminho de casa. Confesso que pensar naquela sequência de fatos, não me agradava muito, já tinha visto aquele filme e dias depois retornei, dava uma aflição e um frio na barriga, vi casos de pessoas que passavam meses, anos em um hospital, mas meu quadro era estável, embora ainda fosse grave, mas será que eu estava sendo enganado? Tentava pensar em outra coisa pra tentar tirar o pensamento do que estava acontecendo, não poderia ter nenhum tipo de preocupação, rapidamente, eu desviava o pensamento e questão de segundos, lá estava eu, já pensando em outra coisa, por mais que sempre voltasse o ponto daquela questão. Dois dias depois, como era previsto, acordei por voltas das 6 horas, café da manhã no ponto e horas depois o aviso do banho, que não era mais ali no leito, agora, estava sendo no banheiro, parece que o constrangimento havia, de fato, acabado de uma vez, eu já estava tranquilamente tomando banho sozinho, tomei meu banho como nunca havia tomado na vida, era uma sensação de alívio, toda sujeira descia pelo ralo, não me interessava o percurso do local que aquela água estava indo, o único percurso que, de fato, me interessava era o da minha casa, continuar meu tratamento, ficar ao lado das pessoas que me amo e fazer tudo aquilo que eu gostava, inclusive dá continuidade aos meus projetos. De repente, uma sensação boa subia pelos pés até invadir todo meu corpo, era uma fé inabalável, algo que dava força e coragem, aquela

vontade de viver era tão grande, eu comecei a chorar muito, e pela primeira vez em anos, não era um choro de tristeza e dor, mas de alegria e desejo, sim, desejo de viver, mesmo diante de tantas barreiras em meu caminho, eu tinha certeza que viver é mil vezes melhor que morrer, porque viver era uma dádiva e não dava pra ir de encontro, com essa vontade louca de viver cada dia, porque eu preciso viver ao lado das pessoas que eu amo e sei que, elas precisam de mim, eu preciso continuar contando histórias, na verdade, eu preciso contar minha própria história, naquele momento, eu sentia uma vibração boa, sei que aquela força vinha de todos os lados, da fé das pessoas ali dentro daquele hospital, como também das pessoas lá fora, que vibravam por minha recuperação, as correntes de orações estavam fazendo seus efeitos, dava pra sentir isto dentro de mim, dava-se uma paz tão profunda, era de fato a minha fé, eu sabia que em algum lugar eu encontraria minha fé, ela nunca tinha saído de mim, eu que não a enxergava, sei que todos estavam preocupados, inclusive, a enfermeira que batia na porta perguntando se eu estava bem, claro que eu estava e como nunca havia estado na vida, logo me enxuguei e a chamei para pôr a fralda, pois era a única vestimenta que eu tinha permissão de uso, já que me encontrava em uma UTI, por seguinte, sentei-me na cadeira de roda e fui em direção ao meu leito, perfumei-me com uma fragrância adocicada que eu tanto gosto, penteei o cabelo e em questão de segundos, eu estava todo arrumadinho, a enfermeira já anunciava, que eu iria fazer uma ressonância na parte da tarde, aos poucos meu sorriso voltava, minha palidez ainda era nítida, o aspecto visto em meus olhos, ainda era

de tristeza, pois os últimos dias não tinha sido fácil, ainda me encontrava pálido, cansado e com o semblante de sofrimento, mas eu sabia que as coisas estavam ficando bem, pelo menos é o que me diziam e eu precisava acreditar naquilo, era uma questão de sobrevivência, pois eu não queria mais me abater por nada. A tarde chegou e o aviso que em instantes, eu iria fazer o tão esperando exame de ressonância, ouvi o chamado dos maqueiros para poderem me auxiliar, fui colocado em outra maca e segui em direção aos corredores, novamente, eu estava ali fazendo meu passeio, era a oportunidade, que eu tinha em ver pessoas diferentes, um ambiente diferente, quase choro ao vê a luz do dia, ainda senti uma lágrima descer no canto do olho, há dias, que eu não via aquela luz incandescente brilhar em meus olhinhos miúdos, fui colocado dentro de uma ambulância, que percorreu a toda Teresina, no percurso, dava pra ver alguns pontos pela janela, só não sabia a real localização, mas só o fato de estar vendo tudo aquilo, causou-me uma emoção muito boa, até chegar em uma clínica, imediatamente fui levado a uma sala, lá me deparei com uma enorme máquina, claro que eu sabia do que se tratava, fui acomodado bem nela e, ali fui engolido e aos poucos estava completamente dentro, daquela coisa escura, causou-me espanto, pensei que sentiria algum mal-estar, que teria algum aviso, como na tomografia, mas nada tinha e apenas, fechei os olhos, levou uns 40 minutos todo processo, até aquela máquina de expulsar daquele tubo e os maqueiros, novamente, levarem-me embora. O passeio havia sido o mais demorado de todos, assim era o que eu chamava a minha rotina externa de exames, mas falando daquela

forma me deixava bem, mesmo sabendo que eu era um iludido, mas se me deixava bem, porque não, pensar daquela forma? E o de hoje, até que foi agradável, na verdade, como dizem os americanos, o “The Best”, mas eu tinha que voltar ao famoso leito 10, o leito mais falado da daquela UTI e esperar pelo resultado do exame, em que eu acabara de fazer. Agora, tudo estava dependendo deste diagnóstico, que levaria dois ou três dias para a junta médica se reunir e decidirem o meu destino. Enquanto isto recebia apenas duas visitas: Thiago e Cleide que se revezavam na semana, contudo, era a única forma de levar notícia para os demais, pelo menos eu tinha dois mensageiros, naquele momento, eu tinha que ser forte, pois eu sabia que levar notícia ruim, para as pessoas que amo, seria cruel e sempre que eu os via, dava uma dor no peito, pois era nítido o meu sofrimento, apesar das boas notícias, não é fácil você viver naquela condição, eu era uma pessoa ativa, amo trabalhar, escrever, praticar exercício, o tempo todo, eu estava planejando algo, tinha acabado de lançar o meu quarto livro e tinha sede para escrever os que estavam finalizando, estava sempre atento as redes sociais, sempre estava ali, promovendo alguma coisa, estudando, era difícil alguém me imaginar deitado num leito de hospital, todo aparelhado sendo massacrado por tubos, injeções, acessos e tantos outros equipamentos, que nem sei qual era a utilidade, mas estavam ali, exercendo uma função importante para o meu restabelecimento. Tudo que as pessoas viam diante daquela cama, era totalmente, o oposto do que eu era na realidade. Os dias foram se passando e não recebia nada, fiquei apreensivo, imaginava já tanta coisa, pensava que os

médicos queriam o melhor momento, pra me dar a notícia, mas no dia seguinte, como o neuro havia prometido, ele estava lá, dando algumas recomendações que eu deveria fazer, enfim, com alegria, eu estava liberado daquele lugar que tanto me sufocou, tanto chorei e tive momentos de largos sorrisos, estes foram raros, mas tive, deixava ali poucas amizades que fiz, agradei a todos e simplesmente, não olhei mais pra trás, não tinha o porquê olhar, pois tudo aquilo fazia parte do meu passado e, não é pra trás que eu tinha que olhar, era, simplesmente, para frente, ouvi uma voz em um canto qualquer dando um adeus, desejava-me melhoras, apenas agradei, pois, todos em seu íntimo, fizeram o melhor por mim, não há nada que possa pagar tamanho gesto de gratidão a estes grandes profissionais, apenas meu muito obrigado, a todos eles, mas agora, eu precisava ir e seguir meu destino, sabia que teria que ficar mais uns dias no apartamento, pois era a fase de adaptação sem os aparelhos, os médicos precisavam ter a certeza, que eu estava bem. Thiago já estava lá fora me esperando, pude perceber em seu olhar, uma tristeza, mas vi também, uma esperança. Na verdade, era difícil de imaginar, que eu iria escapar de toda aquela situação tenebrosa, não sei se cabe aqui o ditado que só morremos no dia certo, nunca havia compartilhado desta opinião ou algo parecido, o fato, era que estava ali. Naquele momento, não era pra se pensar de forma negativa, pois estava saindo totalmente diferente do que entrei, pra mim, já era uma grande vitória e a vida tinha que seguir o percurso exato das coisas, sem trombicar e sem fraquejar, eu tinha renascido e ai foi que conclui uma verdade, na verdade, um fato: o meu amor pela águia fênix, por

ela está fixada em minha pele, por acreditar que somos iguais, ou pelo menos parecidos, mas o fato é que nada que passamos de bom ou ruim é por acaso. Instalei-me no apartamento e pude me desfrutar de uma TV, um banheiro só pra mim, um frigobar e o fato de ter uma companhia, era o melhor naquela estadia. Estava feliz, muito feliz, mas faltava alguma coisa, puxava na memória e não conseguia lembrar, estava, de fato, me faltando algo, alguma coisa que tivesse me marcado profundamente, não demorou muito tempo, pra eu lembrar o que me fazia falta, estava tão feliz que eu tinha se esquecido da minha fiel parceira, aquela que arrancou gemidos, dores e tantas lágrimas, eu já sabia que éramos inseparáveis, foi a consagração de um casamento, embora tenha sido forçado, mas eu já estava começando a aceitar verdadeiramente, como minha parceira, apesar que hoje, as coisas não são tão duráveis assim como queríamos, não que eu acho, que nada é para sempre, elas tem que durar exatamente o tempo que lhes foi concedido, umas pra uma vida inteira, outra, simplesmente, por um momento, não dava pra saber qual seria o tempo dessa relação recente, mas enfim, estou falando da Fenitoína, que covardemente, arrancava-me sensações profundas e amargas, mas hoje, posso dizer que foi tão somente, minha esperança, embora tivesse me causado uma enorme dor, só ela sabia como me possuir e me devastar. Em seguida, o golpe certo de piedade e em seguida, o anticoagulante vinha para atravessar minha barriga com aquela agulha fina, dolorosamente me perfurava sem dó e piedade. Resisti a tudo isso por mais dois dias, até o médico plantonista diagnosticar, que eu estava bem e já não

precisava mais daquele ambiente, apenas teria que continuar seguindo as recomendações. Enfim, alta para eu matar a saudade da minha família. Senti uma enorme alegria e um medo, mas eu não ligava se fosse preciso voltar novamente, eu estava livre de todo aquele sofrimento, o médico passou uma receita e foi ai, que entendi que meu casamento com a Fenitoína e o Prodaxa era verdadeiro, apenas mudaram de roupagem, agora, passariam a ser em comprimidos, na verdade, eu já estava tomando eles antes de voltar ao hospital, o bom foi que eu conheci suas duas versões, o que, de fato, machuca e me faz sofrer e o que me acorda no meio da noite, desta vez, não são eles que me devoram, mas sim eu é que os devoro. Chegando a casa da minha mãe, pois foi o exilo que escolhi para passar boa parte do meu tratamento, pude matar a saudade do meu povo, passei uns dias refletindo sobre a vida e o significado da instituição família, o quanto é bom estar rodeado de gente positiva, que torce por você, pude fazer um pequeno passeio ao meu sítio, para ver minha vizinha Rainha e minha Tia Chica, percebi o quanto é bom viver, o quanto é bom renascer e ter a oportunidade de abraçar, sorrir e aproveitar o tempo. Não sei se eu voltarei aquele lugar, por este ou outro motivo, mas caso eu volte, que eu tenha mais fé e que eu saiba resistir cada obstáculo, a vida não é fácil, nunca foi, mas quantas vezes eu cair, levantarei para poder ficar de pé, essa é a marca do verdadeiro guerreiro. Quanto ao Hospital Santa Maria, que me valeu de tudo, que eu precisava naquele momento, também por formar pessoas tão humanas e dedicadas à vida, meu muito obrigado. VALEI-ME, SANTA MARIA.



WILSON MAUDONADO

Filho de Francisco Xavier e Lucimar Leal (Lúcia). Escritor, compositor, poeta, contista, romancista, cronista e novelista. Graduado em Letras-Português - UESPI; Pós-graduado em Linguística e Literatura - FAEME; Pós-graduando em Linguística e Formação do Leitor - FARESE; Editor - Conselho Editorial de Publicação - Academia de Letras de Teresina - ALT; Revisor de Textos - INDEPENDENTE; Professor de Língua Portuguesa e Inglesa- SEMEC (Teresina) SEDUC (Piauí); Estudou Direito - UFPI; Contabilidade - IFPI; Membro Imortal da Academia de Letras de Teresina - ALT; Diretor Financeiro da Academia de Letras de Teresina - ALT; Autor do livro DE CABEÇA PARA BAIXO (Poesia); GABRIEL - A SAGA DE UM ANJO SEDUTOR (Conto); Em 2020 foi premiado no Concurso SARAU BRASIL - Novos Poetas, um dos concursos de poesia mais importante do país, O MUNDO CHORA foi a poesia classificada. Teve também, a poesia LABUTA SERTANEJA publicada na revista CADERNOS CAJUINA, revista promovida pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).





ENTRE CONTOS & POESIAS

Por Wilson Maudonado

CONTATO COM O AUTOR

maudonado25@hotmail.com

  /entrecontosepoesias



 /academiadeletrasthe

Este livro foi composto com as fontes
ANTON E ATHELAS.